CHRONICA OCCIDENTAL

Finalmente appareceu o verão em Lisboa!

Veiu com o mez d'agosto e precedido d'uma prophecia do astronomo saragoçano, que quando no fim de julho a gente á noite batia o queixo com o frio na Avenida, e levantava a gola do casaco ao entrar em americano aberto, nos dizia lá do fundo da sua heroica Saragoça que nos fossemos preparando para um calorsinho de 42° centigrados á sombra.

A prophecia começou já a realisar-se: o thermometro ainda não subiu até essas respeitaveis alturas, mas vae caminho d'ellas, e já tem marcado n'estes dias os seus 32 e 33 graus, o que já é o bastante para encher á noite a Avenida, S. Pedro d'Alcantara, Patriarchal, Monte e Campo de Sant'Anna de gente á procura d'um fresco que não se digna visitar-nos.

O mez d'agosto, apesar do velho anexim dos nossos avós «Primeiro d'agosto, primeiro d'inverno»—é ha muito tempo o mez tradiccional dos grandes calores, é o mez da canicula, o mez em que toda a gente que póde arvora de Lisboa a alastrar-se pela nossa fóra da terra, mais ou menos proximo, conforme as posses e as predilecções de cada qual.

É n'este mez que se torna bem sensivel na capital o desfalque que as villegiaturas fazem na população, e então aos domingos e dias santos póde-se dizer que a cidade fica quasi deserta.

E se isto já era assim d'antes, muito mais o é hoje que o caminho de ferro veiu fazer de Cintra quasi que um bairro de Lisboa, e que inutilisada a praça de touros do Campo de Sant'Anna, é a praça de Cintra que serve hebdomadariamente aos lisboetas esse devertimento tão seu favorito.

E a verdade é que com essa deslocação da local das touradas ganhou toda a gente: ganhou Lisboa que ficou livre d'essa praça vergonhosa d'aldêa que estava ahi no coração da cidade a gritar contra as suas pretenções a capital civilisada; ganharam os amadores das festas tauromachicas porque sem grande augmento na despeza de transporte,—pois a ida e volta a Cintra custa quasi o mesmo que o aluguer d'um trem de praça para ir pôr ao Campo de Sant'Anna—gosam o seu divertimento querido e ao mesmo tempo dão um passeio agradavel, e respiram bom ar.

Tudo isto, as touradas de Cintra, a facilidade, rapidez, baratesa e frequencia dos transportes a essa formosa villa, e a Bellas, e a Queluz, e a Bemfica, e ainda a Torres Vedras e ás Caldas, fazem com que Lisboa tenha todos os dias e principalmente aos domingos, um movimento desusado e extraordinario entre nós.

A vida lisboeta tem soffrido n'estes ultimos annos uma transformação radical e assombrosa.

Nós, que não somos precisamente uns Mathusalém, nem assistimos á edificação da Sé de Braga, somos todavia ainda do tempo dos *omnibus* do Pelourinho, que por muitos annos foram o unico meio de viação publica de Lisboa para Belem, para o Campo Grande e para Bemfica: uns carros enormes, incommodos, feiissimos, puchados por cavallos lazarentos que faziam raras carreiras, entre esses varios pontos.

E os logares eram caros, e por bilhetes, tão disputados ordinariamente—mercê da pouca frequencia das carreiras—que era quasi sempre necessario compral-os com um ou dois dias de antecedencia.

Depois começaram a apparecer os char-á-bancs, e começaram a fazer dinheiro.

Por fim surgiram os americanos e lembramo-nos ainda perfeitamente das sinistras prophecias d'alguns lisboetas agourentos, d'esses que vêem sempre tudo em negro!

—Que era um disparate aquillo! Que Lisboa não tinha população nem animação para sustentar uma companhia d'aquellas! Que estava ahi estava a dar em pantana! Que isto aqui não era Paris nem Londres!

E o negocio que fazem os carros americanos sabemos nós todos que ao dia santo e ao dia de semana, pela manhã ou de tarde ou de noite, estamos parados, a ver passar carros e carros cheios de gente, para todos os pontos, á espera d'encontrar um logar.

E ao lado do carro americano creou-se logo o carro rival, o Rippert, e ao lado d'este surgio o velho *char-á-banc*, o anachronico omnibus, e todos andam sempre cheios e todos ganham dinheiro, e a população de Lisboa parece que se centuplicou, e aos vintens, aos trinta réis e aos meios tostões giram entre nós quotodianamente contos e contos de réis, que não se sabe como surgiram de repente das algibeiras de todos os lisboetas!

Com o caminho de ferro de Cintra deu-se o mesmo caso.

A malograda tentativa do Larmanjat fez receiar muito pelo bom resultado pecuniario da nova linha.

Quando no verão passado ella se abriu á exploração, julgou muita gente que aquella grande concorrencia dos primeiros dias era a effervescencia da novidade, e que depressa se extinguiria.

Os factos demonstraram claramente que não, e o caminho de ferro todos os dias se enche de passageiros em todas as suas carreiras e aos domingos e dias santos tem os comboios de ser puchados por duas machinas, tão grande é o numero de carruagens que a multidão enorme de passageiros obriga a metter.

Quem soffreu e muito com esta facilidade de transportes, foram os arrabaldes mais proximos de Lisboa, o nosso campo antigo, Bemfica, Luz, Campo Grande e Lumiar, e a grande porção de casas com escriptos que por ali ha e que d'antes se alugavam sempre, ahi o estão a demonstrar.

Desde o momento em que, graças ao caminho de ferro, quem está em Cintra está mais perto de Lisboa do que quem está na Luz ou na Ameixoeira, comprehende-se bem que Cintra se encha de gente e a Ameixoeira e a Luz se despovoem.

E com as praias proximas de Lisboa vae darse certamente o mesmo facto, com a abertura da linha do caminho de ferro de Torres até á praia da Figueira, porque d'aqui para o futuro chega mesmo a ser muito mais economico ir tomar banhos para essas praias, até agora consideradas praias de luxo para a gente rica, do que ir para Pedrouços ou para o Dafundo.

Mas para uma parte ou para outra, para longe ou para perto, toda a gente tem muita rasão d'ir, n'estes mezes em que o calor e a semsaboria tornam Lisboa perfeitamente insupportavel.

Muito principalmente ainda a semsaboria.

Calor em toda a parte ha, quando elle chega devéras: no alto do Bom Jesus já nós um verão nos vimos obrigados a passar dias e dias a jogar as damas e a manilha, na sala do bello Hotel do Gomes, porque subir do Sanctuario até á Matta era de asphixiar, peior ainda que subir n'estes dias de astronomo saragoçano do Rocio a S. Roque pela calçada do Duque.

Semsaboria, porém, é que decerto em parte alguma a ha maior, nem mesmo igual á que actualmente paira sobre Lisboa.

Nada, positivamente nada que fazer n'estas noites que o calor faz parecer muito maiores que as decantadas noites de Lamego.

A escolha de divertimentos não é com certeza o que embaraça o bom lisboeta, que a sorte esqueceu no mez da canicula, pelos arruamentos abafadiços da baixa.

Colyseu e Exposição, Exposição e Colyseu.

Havia mais um divertimento: o theatro da Avenida.

Mas o publico nunca tomou aquelle theatro como divertimento; nunca lá foi e o theatro fechou-se logo depois de se abrir.

Que Deus lhe falle n'alma!

Em compensação da falta de divertimentos Lisboa teve ha dias um processo de sensação—o celebre processo do alferes Marinho da Cruz, que tanto deu que fallar e que trouxe para as discussões dos jornaes, e para as conversações particulares, a questão da irresponsabilidade criminal dos epilepticos larvados.

Como se sabe, no primeiro julgamento o reu Marinho da Cruz foi absolvido pelo jury, que deu por provada a irresponsabilidade doentia do accusado.

Annullado em tribunal superior esse julgamento, a causa foi julgada de novo.

E a sua grande importancia social, pela novidade do facto que nos nossos tribunaes se debatia, pelas largas discussões a que deu origem, pelo alto valor intellectual do illustre patrono do réu, uma das mais gloriosas celebridades litterarias da nossa terra, deram a esse julgamento todos os fóros d'um acontecimento de primeira ordem.

Depois de ha muitos mezes annunciado repetidas vezes e outras tantas contra-annunciado, o segundo julgamento de Marinho da Cruz realisou-se finalmente nos primeiros dias de agosto.

Durou quatro dias esse julgamento que teve suspensas as attenções de todo o paiz, e de que sahiram cobertos de gloria os dois valerosos luctadores, o accusador e o defensor do réu, o sr. promotor tenente coronel Pimentel e o sr. conselheiro Thomaz Ribeiro.

Ha muito que não se via n'um tribunal uma lucta tão encarniçada, tão violenta e tão convicta.

Tanto o accusador como o defensor não estavam ali simplesmente no cumprimento d'um dever profissional: estavam ambos cheios de convicção, defendendo não o réu nem a sociedade, mas defendendo ardentemente a sua opinião arreigada, aquella que tinham por verdadeira.

Para o advogado, o reu não era um assassino, era um doente, um irresponsavel, e empenhou todos os recursos do seu enorme talento, da sua prestigiosa palavra, em arrancar aquelle innocente ao castigo de crimes de que tinha a completa irresponsabilidade; para o promotor de justiça o reu não era um doente, era um assassino, e envidou todos os recursos do seu talento e da sua palavra, que são poderosissimos, para fazer castigar aquelle que delinquira, para não atirar para o meio da sociedade com um criminoso impune.

E ambos luctaram valorosamente, heroicamente: ambos exposeram com toda a nitidez, com toda a eloquencia a rasão do seu pensar: o jury que decidisse.

E ao contrario do que aconteceu da primeira vez, o jury deu rasão ao promotor de justiça, o jury não viu no reu um doente, viu apenas um assassino, um assassino com todas as aggravantes mais terriveis e Marinho da Cruz, o assassino do cabo Rocha, foi condemnado a 8 annos de prisão maior cellular, seguidos de 20 annos de degredo em possessão de primeira classe, ou na alternativa de 28 annos de degredo.

E com esta sentença gravissima foi epilogado o lugubre e vergonhoso drama que Lisboa assombrada e indignada, viu representar-se funestamente no largo do Mitello, na manhã de 22 d'abril de 1886, na manhã de quinta feira santa!

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

UM QUADRO A OLEO

DA PRINCEZA D. AMELIA

É um alemtejano em toda a pujança da sua robustez!

A sua posição desleixada é a propria dos habitantes da mais calida provincia do paiz.

O Alemtejo, a região historica da defeza das Quinas, é ali representado n'uma bella figura de lavrador. Está elle encostado a um varapau, traçando a perna, vestido com a sua jaleca caracteristica, cinta azul escuro, collete e *ceifões* de pelle.

Ali, o pincel, foi além da sua missão de colorir, deu luz, ar, e vida a todo o quadro.

Mãos privilegiadas, de certo, prepararam e levaram a cabo tão graciosa obra artistica.

Temos reparado que nas artes decorativas e ornamentaes, toda a vez que a mão e o pensamento da mulher passa por alguma d'ellas, deixa ali para sempre como que um rasto suave de opalina luz, exhalando um perfume indefinivel de pureza...

É de uma senhora, o quadro que a nossa gravura hoje representa, e é da mais alta estirpe:—a Esposa do Regente!

A senhora D. Amelia de Orleans, duqueza de Bragança, e princeza de Portugal, é a gentilissima auctora do quadro a oleo, a que nos referimos, e que se admira no pavilhão D. Luiz I, do edificio da Exposição industrial portugueza.

Seu esposo Sua Alteza Real o Principe regente D. Carlos, foi quem do mesmo quadro tirou a photographia por onde se fez a gravura que hoje damos aos nossos queridos leitores.

Sua Alteza Real, a senhora duqueza de Bragança, demonstra uma notavel aptidão artistica, pelo modo como transportou para a téla todos os tons de vida, todas as *nuances* de luz e de athmospheras, que só á propria Natureza parecia peculiar.

Em frente da tela *O alemtejano*, nós podemos dizer-lhe que a senhora duqueza de Bragança *comprend ce que beaucoup de vrais artistes ne comprendent pas;* paraphraseando assim o dito de seu visavô o rei dos francezes Luiz Filippe, a sua filha Luiza de Orleans, avó de Sua Alteza Real a rainha da Belgica, quando dizia — «Comprehende o que muitos homens politicos não são capazes de comprehender.»

A senhora duqueza de Bragança adquiriu, de ha muito, um logar no coração de cada portuguez, não é já *uma estrangeira*, é, como diz o povo, a nossa princeza, a princeza de Portugal.

Quando a vemos nos templos ou nas ruas, nos espectaculos ou nas salas, a sua figura esculptural, triumphante, tem muito d'essa magestade superior á temporal ou creada pelos homens, que subjuga pela sua mysteriosa graça, illuminada por um esplendor que deslumbra avassallando.

Como *menageuse*, é incontestavelmente Sua Alteza Real a princeza D. Amelia de Orleans a senhora que primeiro conseguiu demonstrar, na nossa alta sociedade, como se póde ser elegante, distincta, mesmo tratando de administrar o que é seu, tratando mesmo directamente com os fornecedores, desejando ver as assignaturas dos jornaes, a conta da modista, do *tapissier*, etc.

Felicitando, pois, Sua Alteza pela publica consagração do seu talento, agrada-nos que ella veja quanto e como em Portugal se sabe apreciar o verdadeiro merito, prestando, conjunctamente, homenagem aos dotes de coração e do espirito.

Pedindo desculpa a Suas Altezas Reaes da pobreza das nossas palavras para com tão altos merecimentos, resta-nos agradecer ao nosso amigo D. Jorge de Mello (Sabugosa) a fineza de ter facilitado ao Occidente a photographia de que nos servimos para dar a gravura de hoje.

M. B.

MOLHADO ATÉ AOS OSSOS

É o titulo do quadro com que o nosso illustre compatriota o sr. Souza Pinto concorreu este anno ao *Salon* de Paris, e de que o Occidente publica hoje uma reproducção.

Quando a exposição se abriu, os criticos de arte fallavam, como de costume, nas obras principaes que ella continha, e em mais de uma folha pariziense vimos referencias lisongeiras á pintura de que se trata.

O assumpto, se se repete mais uma vez n'este quadro, isto é, uma mulher idosa e uma creança, como nas *Calças rotas* e na outra pintura de que não nos recorda agora o titulo, está comtudo tratado com a graça de interpretação e a finura de pincel que caracterisam os trabalhos do insigne artista.

Na nossa opinião esta téla sobreleva todas quantas temos visto do mencionado pintor, em factura.

Ha mais largueza de pincellada, mais liberdade e sciencia na execução, emfim, não se nota esse lambido, por vezes excessivo que se vê nas suas pinturas anteriores.

Foi talvez por isso que Souza Pinto esteve por um triz a ser um dos laureados d'esta exposição.

Apenas pela falta de um voto não recebeu uma terceira medalha, que varios dos artistas que compunham o jury do certamen lhe quizeram adjudicar, como prova do muito apreço em que têem o seu talento.

Sousa Pinto continúa, pois, a ser um dos nossos pintores mais illustres e que dignamente representa o nome portuguez, no meio dos grandes concursos de arte no estrangeiro.

Dispensamo-nos de qualquer descripção do quadro, porque a reproducção que hoje damos como que inutilisaria esse trabalho.

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA

O ANNEXO DO MINISTERIO DA MARINHA

Seria melhor ter denominado esta installação annexa á exposição industrial: — installação do Arsenal da marinha.

Effectivamente, ali vêmos trabalhos da *aula de construcção naval*, secção de um couraçado, moldes em madeira, velame, etc; *officina de fundição de ferro e de metal*, expõe trabalhos da sua especialidade; como a de carpinteiro de machado; a de carpinteiro *de branco* (merceneiro); a de calafates; de poleeiros e torneiros; de correeiro; entalhador (secção de carpinteria de branco); de latoeiro; a de apparelho; de tanoeiro; de caldeireiro; a direcção das construcções navaes e cordoaria nacional;—compõem as diversas manifestações do trabalho do operario portuguez n'aquella installação, que deveras honra o paiz.

Fóra da installação, á entrada, estão de um lado a canôa do superintendente do Arsenal da marinha; do outro, a baleeira do commandante geral da armada, deffendida por boias de fundeadouro ligadas por meio de amarras.

A construcção do pavilhão, e a sua ornamentação interior, como os tropheus maritimos e de guerra compostos de bandeiras, flamulas, galhardetes, espadas e machados de abordagem, pistollas e ferramentas de diversas especialidades de trabalho, é tudo obra de carpinteiro de machado.

N'esta instalação, o trabalho do nosso operario, enche-nos de orgulho.

Não é menos, porém, para sentir que, se no paiz se póde produzir trabalho tão notavelmente perfeito, importemos quasi tudo de fóra, do extrangeiro!...

A esta observação respondeu-nos um amigo nosso, official superior da Armada Real, que o fim da exposição, ali, era provar que o operario portuguez, quando convenientemente dirigido, trabalha tambem como os melhores operarios da França, Allemanha ou Inglaterra; sendo certo comtudo, que a materia prima, embora não muito cara e a mão de obra mais barata em Portugal, não compensa a falta de machinas, que nos paizes extrangeiros abundam. Além d'isso, a divisão do trabalho, que nas nossas officinas quasi póde dizer-se não existe, tornam lá baratissima a adquisição de material que entre nós fica ainda, relativamente, por um preço elevado. Não se faz lá fóra mais perfeito, mas é incontestavelmente mais barato.

*

Entre os modelos de navios, temos o da riquissima nau *Senhora do Bom Successo*, onde o principe regente D. João fugiu para o Brazil, em 1807. Conserva um pouco o estylo dos antigos galeões, poupa dourada, lanternões de complicado lavor, custosas pinturas a oleo nas portas das camaras principescas que lembram o pincel de Grison e Thevenet, esses delicados artistas do seculo XVIII, a purpura e o ouro por toda a parte nas escotilhas, nos escaleres e nas camaras.

A aula de construcção naval apresenta modelos feitos por aprendizes que cursaram as escolas: os modelos são diversos typos de navios e lanchas.

Um official de carpinteiro expõe a secção de um couraçado. Sobre o sobrado a um canto da installação vêem-se em diversos modellos de madeira, peças de machinas de tracção para os navios. Em velame ha um toldo, vela latina para escaler, baldes de lona, maca de marinheiro, balão para signaes e sacco de marinheiro. Helices, vigias para costado, chapa de malaguetas, fogão de salla, cylindro da machina a vapor do *Dragão* barco de recreio de el-rei, e uns lemes de madeira para mostrar competentemente empregadas as meias luas representando valioso trabalho de esculptura em metal, tendo mão de obra da officina da fundição de ferro e metal. Uma boia de salvação — representa uma columna atravessada pelo tronco que tem nos extremos duas espheras de cobre, no topo da columna ha uma caixa contendo um engenho de metal com uma vela junto á escorva de fricção; este apparelho lançado á agua acende a vela por meio da escorva e conserva-se boiando apoiado nas duas espheras e illuminando o circulo em que navega, possibilitando assim a salvação do desgraçado que cahir de noite ao mar. O fabrico de todo este apparelho é das officinas nacionaes e tem trabalho de carpinteiro de machado, torneiro, latoeiro, de fundição e ferraria.

Uma escada de camara para officiaes, dois lemes de escaler, dois jogos de formas do escaler a vapor do Arsenal e de um bote do *Dragão*, vapor de el-rei, reparo de flexa e armão com coffres (artilheria de desembarque), escada para serviço da coberta, modelo da poupa de uma corveta; tropheos compostos de remos, croques e xadrez de canoa, espeques para calibre 32 (artilheria de bordo); mastro modelo com vergas, amantilhos, enxarcias, estais, brandaes, adriças e mais apparelhos, destinado ao estudo de manobra da escola de alumnos marinheiros a bordo da corveta *Sagres* surta no Douro — tudo trabalho de carpinteiro de machado, excepto este ultimo modelo que envolve trabalho de diversas officinas do arsenal.

Mesa elastica de teca, trabalho primoroso dos seguintes operarios, carpinteiro em *branco* (marceneiro) José da Silva Torres, entalhador Floriano Augusto Biker e pulidor Manoel Augusto Mendonça; alem de um lavatorio, estante e etagère de *cabin*, e mesa de rancho de prôa com os respectivos bancos e moxila (caixa) de marinheiro, ha uma commoda-mala muito bem trabalhada e pulida pelo seu constructor e pulidor o operario Manoel Casal.

A officina de calafates do nosso arsenal expõe capas de mastro, uma especie de saiotes de lona no radapé do mastro junto ao chão, as que ali vimos apresentam dois typos em *pregas* e em *paneis;* segue-se uma secção de convez mostrando como se faz o trabalho exclusivo de esta officina de calafêto; valvulas e covilhetes de guarnições de bombas. Só o que não é trabalho exclusivo de esta officina é uma bomba de Kagado, porque esta envolve mão de obra das officinas de fundição, ferreiro, correeiro e carpinteiro de machado.

A officina de poleeiros e torneiros expõe uma jardineira, etagéres, tripó, cadeira tripó, duas pyramides de rodas para differentes peças de poleame, pyramide de cadernaes tendo por base a madeira em tronco e terminando no perfeito acabamento de trabalho, que vem a ser um moitão microscopio! — uma collecção completa de peças de poleame, executados com a maior perfeição pelo habil artista José Antonio Diniz, mestre da officina de poleeiros e torneiros do arsenal.

Correame completo da nova arma Kropatscheck; dos baldes de sola, para combate; punhos em fórma de cuia para exercicio de terçado ou espadas de abordagem, coldres para revolver, estojos para conducção de cargas explosivas, alças de pontaria, etc; de todo este trabalho da officina de correeiro do nosso arsenal deve vêr-se como obra notavel, um chupador para bomba esgota-rios, com pregaria de cobre, notavel como obra perfeita e porque os mais conhecidos até hoje são de ferro.

Na secção de entalhador (carpinteiro de branco) ha varios ornatos e moldes, destinguindo-se em toda esta alfaia maritima um guarda-patrão que tem ao centro esculpida a commenda da Torre Espada, obra saida da mão experiente e habilidosa do fallecido mestre Trindade.

A officina de latoeiro expõe de seu fabrico; faróes da borda e do mastro, lanternas de combate para as amuradas, pharóes de camara, bateria de cosinha em folha branca, panelas de ferro estanhadas interiormente, uma bitacula e um agulhão de metal; n'esta estante ha uma divisoria onde se acham expostos diversos instrumentos nauticos, agulhas para azimuths ou amplitudes, horisontes artificiaes, etc; o fundo de toda a vitrine é coberto por um estandarte real, pela bandeira portugueza e flamulas.

A officina de apparelho expõe talhas dobradas e singelas, estropos, gualdropes do leme, têques, cochins e defensas em cairo e pita.

Ao centro do pavilhão, ha uma vitrine com quatro faces mal cobertas por mappas, trabalho da commissão de cartographia do ministerio da marinha.

A direcção de construcções navaes expõe em quadros aguarelas das canhoneiras *Zambeze*, *Diu*, e projecto para duas corvetas, desenhos, alçados plantas e perfis.

A officina de ferraria e zincagem, expõe chapas de malaguetas, pégas de mastro, anilho para evitar o torcido nas amarras, aro de pião da *verga grande*, cepo de ancora para uma corveta, ancorotes, chapas de toldo, manilhas, olhaes, forquetas para escaler e outras peças de fabrico da mesma officina, applicadas aos nossos navios de guerra.

Officina de tanoeiro; é representada nos seguintes objectos: baldes, celha para carretel de *barquinha*, anchoretas, barris, paiocs e celha para guarda morrão; — e a officina de caldeireiros nos seguintes productos: cone para assentamento de metralhadora n'um escaler, boias de *arenque*, ou pequenas boias de amarração.

A Cordoaria Nacional, importante estabelecimento fabril do Estado, expõe em vitrine propria; fiação e tecido, manual e mechanico, em lona e brim; cabo de linho alcatroado, em branco e de pita, cabo de arame de ferro e de cobre.

A officina de pintor do mesmo arsenal, além de todo o trabalho de pintura da installação interior e exterior, apresenta as boias de salvação já descriptas e um toldo para escaler.

Como modelos para a historia do desenvolvimento do operario em Portugal, vimos quatro cadernaes, dois de ferro e dois de madeira, gurnindo em dois sentidos, e que serviram nos meia-

BELLAS-ARTES

MOLHADO ATÉ AOS OSSOS — Quadro de Sousa Pinto exposto no «Salon»

(Segundo uma photographia de Biel)

dos do seculo passado para o assentamento em seu pedestal da estatua equestre de el-rei D. José I, no terreiro do Paço.

O publico sae da installação do annexo do arsenal da marinha agradavelmente impressionado pelo trabalho de hoje e saudoso pela riqueza de outr'ora.

(Continúa.) *Manuel Barradas.*

O RETRATO OVAL

CONTO DE EDGAR POE

O castello onde o meu creado imaginára entrar á força mais depressa do que deixar-me, ferido como eu estava, passar uma noite ao relento, era um d'esses edificios, mixto de grandeza e de melancholia que desde remotos tempos erguem as suas frontes altivas no centro dos Apenninos, tão grandes na realidade como na imaginação de Mrs. Radcliffe. Segundo todas as apparencias tinha sido abandonado muito recentemente. Estabelecemo-nos em um dos salões mais pequenos e menos sumptuosamente mobilados, que estava situado em uma torre separada do edificio. A decoração era rica, mas antiga e bastante deteriorada. As paredes estavam cobertas de tapeçarias e ornadas de trophéos heraldicos de toda a especie e de um numero verdadeiramente prodigioso de quadros modernos, soberbos de estylo, com molduras de ouro de gosto arabesco.

Excitaram-me um interesse profundo, e talvez a causa d'isso fosse o delirio que de mim se ia apoderando; excitaram-me um interesse profundo, dizia eu, aquelles quadros que estavam pendurados não só nas paredes principaes, como nos diversos esconderijos que a architectura caprichosa do castello tornava inevitaveis; e tanto que ordenei a Pedro que fechasse os pesados postigos das janellas, pois a hora ia já adeantada; accendesse um grande candelabro de muitos mecheiros que estava ao lado da minha cabeceira, e descerrasse completamente as cortinas de velludo preto guarnecidas de rufos que rodeavam o leito. Quiz isto assim, porque, se não pudesse reconciliar o somno, distrahir-me-hia ao menos contemplando aquellas pinturas e lendo um pequeno volume que encontrára sobre a almofada e que era a critica e a analyse d'ellas.

Estive a ler muito tempo, muito tempo; contemplei religiosamente, devotamente; as horas fugiram rapidas, gloriosas, e a profunda meia noite soou. A posição do candelabro incommodava-me, e estendendo a mão com difficuldade para não perturbar o somno do meu creado, colloquei-o de modo que a luz desse em cheio no livro.

Esta acção porém produziu um effeito completamente inesperado. A luz das numerosas velas (tinha muitas) foi allumiar um nicho do salão que uma das columnas do leito cobrira até áquelle momento com uma profunda sombra; e então vi, envolto em vivissima luz, um quadro pelo qual ainda não tinha dado.

Era o retrato de uma menina, já feita, quasi mulher. Passei momentaneamente a vista pelo quadro e fechei os olhos; porque o não comprehendi bem desde logo; mas em quanto tive os olhos fechados analysei rapidamente a razão que me levára a fechal-os. Era um movimento involuntario para ganhar tempo e pensar, para convencer-me de que a vista me não enganára, e emfim acalmar e preparar o espirito para uma contemplação mais fria, mais segura. Passados momentos fixei novamente os olhos no quadro.

Não podia duvidar, ainda mesmo que o quizesse, de que me não affirmara bem a principio; porque tão depressa a luz me patenteou a pintura, desappareceu o delirio em que eu cahira e voltei á vida real.

O retrato, como disse, era de uma senhora muito nova; simplesmente um retrato de meio corpo, todo elle n'esse estylo que em linguagem technica se chama estylo de *vinheta*, muito da maneira de pintar de Sully nas suas cabeças predilectas. Os braços, o seio e as pontas dos radiantes cabellos perdiam-se intangivelmente na sombra vaga mas profunda que servia de fundo ao quadro. A moldura era oval, magnificamente dourada e lavrada no gosto mourisco. Não seria a execução da obra nem a immortal belleza da physionomia o que me impressionou tão repentina e fortemente. Mas tambem não podia crer que a minha imaginação ao sahir de um meio sonho tomasse aquella cabeça pela de uma pessoa viva.

Vi em seguida que os pormenores do desenho, o estylo de vinheta e o aspecto da moldura me preservaram de toda e qualquer illusão ainda que momentanea. Fazendo estas reflexões, e muito vivamente, fiquei meio deitado, meio sentado, quasi uma hora, com os olhos pregados no retrato. Adivinhara que o *encanto* da pintura era uma expressão vital absolutamente adequada á propria vida que a principio me fizera estremecer e que terminou por me confundir, subjugar, espantar. Com um terror profundo e respeitoso colloquei o candelabro na sua posição primitiva. Tirando assim da vista a causa da minha grande agitação, lancei mão avidamente do volume que continha a analyse dos quadros e a sua historia, e buscando directamente o numero que marcava o retrato oval, li a vaga e singular relação que segue:

«Era uma moça de belleza nada commum, não menos amavel que cheia de graça, e maldicta a hora em que ella viu, amou e casou com o pintor.

Elle, apaixonado, estudioso, austero e tendo achado uma esposa na sua arte; ella, nova, de rarissima belleza e não menos amavel que cheia de graça, toda luz e sorrisos e com a alegria do cabritinho, amando-o do fundo da alma, odiando tão sómente a arte, que era sua rival, tão sómente temendo a paleta e os pinceis e outros instrumentos importunos que a privavam do rosto do seu adorado. Foi uma cousa horrivel para esta senhora o ouvir dizer ao pintor que desejava fazer o retrato da sua joven esposa. Mas era humilde e obediente, e sentou-se com toda a doçura por longas semanas no sombrio e alto salão da torre, onde a luz filtrava sobre a pallida tela sómente pelo tecto estucado.

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA COM UMA SECÇÃO AGRICOLA

GALERIA GUILHERME STEPHENS E PAVILHÃO D. CARLOS (Desenho de J. R. Christino)

Mas o pintor cifrava a sua gloria n'aquella obra que se adeantava de hora para hora, de dia para dia.

E era um homem apaixonado, singular, pensativo e que se perdia em sonhos; tanto que não *queria* ver que a luz que quasi tão lugubremente penetrava n'aquella torre isolada seccava a saude e os encantos da sua mulher que se consumia visivelmente para todos, excepto para elle. Não obstante ella sorria cada vez mais, porque o pintor (que tinha grande fama) sentia um vivo e abrazador prazer na sua tarefa, e trabalhava noite e dia para copiar a que elle tanto amava, mas que de momento para momento se tornava mais fraca, mais abatida. E em verdade, todos que contemplavam o retrato fallavam em segredo da sua parecença, como de um poder maravilhoso e como uma prova não menor do genio do artista e do amor profundo que elle tinha áquella que tão prodigiosamente retratava. Mas ao deante, como a obra estivesse quasi no fim, ninguem mais foi admittido na torre; porque o pintor chegara a enlouquecer pelo ardor com que trabalhava, e rarissimas vezes levantava os olhos do quadro, nem ao menos para fitar o rosto de sua mulher. E não *queria* ver que as cores que punha na tela eram *tiradas* das faces da que estava sentada ao seu lado. E passadas muitas semanas, quando apenas restava dar uns leves toques na bocca e nos olhos, a alma da senhora ainda palpitou, como a chamma no bico de uma lampada. E dando esses ultimos toques, o pintor quedou-se por momentos extasiado ante o trabalho que fizera; mas em seguida tremeu, empallideceu, sentiu-se aterrado, e gritando com voz terrivel: «E' na verdade a propria vida!» voltou-se subitamente para ver a sua amada, e... estava morta!»

Francisco de Almeida.

EXPULSÃO DOS JESUITAS

DE

PORTUGAL, BRAZIL, MADEIRA, AÇORES, ASIA E AFRICA

(Continuado do n.º 346.)

Succedera entretanto no Rio de Janeiro um caso imprevisto. No dia 5 de dezembro entrou a barra d'aquella cidade a fragata chamada *dos padres*, que, segundo informações mandadas ao conde de Oeiras, tinha vinte e duas peças, podendo montar trinta, e recebia salvas das fortalezas, como se fôra nau da corôa. Havia já muito tempo que essa embarcação servia para o commercio da Sociedade de Jesus na costa do Brazil.

Avistou-a ao longe o governador e, como a conhecia bem, resolveu comprehendel-a no sequestro dos bens dos jesuitas. Por isso, antes que ella desse fundo e pudesse communicar, metteu-lhe a bordo um alferes com uma esquadra, aos quaes seguiu logo um escaler com o desembargador Santos Capello e officiaes de justiça para fazerem sequestro, assim na fragata como na carga. E no caso de lá se encontrarem alguns padres, havia ordem tambem para serem logo conduzidos, debaixo de prisão, ao collegio, onde esperava por elles o brigadeiro Silva para os entregar ao reitor.

Vinham, com effeito, dezeseis regulares da Companhia, entre os quaes o visitador geral, o secretario e um novo reitor para o collegio de Paranaguá. Foi preso tambem o piloto, que era inglez, e mandado para bordo de uma nau.

Mostraram-se os jesuitas admirados de tão duro procedimento, dizendo que na Bahia, d'onde vinham, só lhes tinham mandado exhibir as fazendas que traziam e prohibido a entrada no palacio do vice-rei.

A procedencia da fragata, isto é, o ter ella sahido livremente da Bahia, que era o assento do governo do Estado do Brazil, deu naturalmente motivo ao governador para ponderar essa circumstancia, a qual, embora não fosse attendivel, em presença das ordens terminantes do governo da metropole, era sem duvida para n'ella se attentar. Decidiu-se, não obstante, o conde de Bobadella a sequestral-a, e as suas bem fundadas razões foram estas:

«Posto que a fragata foi expedida do porto da Bahia, pareceu-me se devia pôr em sequestro, pois é navio que, ha muito, serve, não só de transportar padres, mas até de trazer alguns generos que lhes eram convenientes, com desfalque do rendimento da alfandega [1].»

Sem o saber, o conde de Bobadella antecipou-se ás resoluções do conde de Oeiras, que fazia particular empenho em aprisionar a fragata dos jesuitas. Para isso dera elle até providencias especiaes ao marquez de Lavradio e ao commandante da *Nossa Senhora da Ajuda* na citada carta regia de 4 de novembro: — «Tenho ordenado ao marquez de Lavradio que mande logo fazer aprehensão na sobredita fragata, e que esta seja immediatamente navegada para o rio de Lisboa com todo o seu armamento, petrechos e pertenças, sem reserva alguma. Para assim se executar mandei embarcar comvosco, por segundo capitão de mar e guerra da nau *Nossa Senhora da Ajuda*, a José Rollem Van Dreck, e accrescentar vinte marinheiros além dos necessarios debaixo do pretexto de navegarem para o rio Tejo a nau que se está fabricando na Ribeira da Bahia.»

E mais adiante:

«Havendo-me constado que na sobredita fragata se acha uma camara construida com primor, vos previno que tudo que fôr a ella pertencente se deve conservar de sorte que em Lisboa possa ser vista no mesmo estado em que entrava nos portos do Brazil; para advertirdes ao mesmo José Rollem Van Dreck que, no caso de trazer comsigo passageiros os procure accommodar de sorte que a referida camara não seja desfigurada. E que tirando, logo que chegar á barra de Lisboa, quaesquer divisões que n'ella haja feito, fique a camara habil e restituida ao seu antecedente estado.»

A fragata devia sem demora ficar prompta para fazer viagem, e o commandante Freire tinha ordem para dar o commando d'ella ao capitão Van Dreck, com os officiaes que fossem precisos, os vinte marinheiros supranumerarios, e a mais equipagem competente, pois que seria preciso fazer sahir d'ella os negros que os tripulavam, se já não estivessem sequestrados. Finalmente, a fragata sahiria logo para Pernambuco.

O desembarque do marquez de Lavradio fez-se com a marinhagem nas enxarcias, as tropas da guarnição formadas e a maior ostentação possivel. Já então os jesuitas estavam todos reclusos no noviciado de Tapagipe. Reinava a ordem na Bahia. Era completo o socego.

Sahiu então para o Rio de Janeiro a nau *Livramento e S. José* para levar a correspondencia official ao conde de Bobadella. Na previsão de encontrar a fragata *dos padres*, levava o segundo capitão Van Dreck.

Chegou a nau áquella cidade no dia 24 de janeiro de 1760. O conde de Bobadella, ao ler os despachos do governo, viu com satisfação que já pouco faltava para serem pontualmente executadas as ordens de el-rei. Mandou, portanto, formar a guarnição do Rio de Janeiro e publicar a som de caixas as duas leis ultimamente promulgadas, assim para a expulsão dos jesuitas, como para se guardarem nos archivos de todos os municipios do reino os documentos destinados a perpetuar a memoria das violencias e attentados dos jesuitas; entregou ao bispo, á relação e camara municipal os maços da *Collecção* que lhes eram enviados com as cartas regias do estylo; deu o commando da fragata *dos padres*, ancorada no porto do Rio de Janeiro desde o confisco de 5 de dezembro, a José Rollem Van Dreck, fazendo-a sahir immediatamente para a Bahia; mandou reparar a nau *Livramento e S. José*, provendo-a de tudo o que era necessario para uma longa viagem, e fez embarcar de noite, debaixo de segura guarda, 199 jesuitas, retidos no collegio. Quando a nau se fez de véla, faltavam apenas 5 de todos os que pertenciam áquellas capitanias, 2 que ainda não tinham vindo de Paranaguá, 2 que andavam nas partes do Rio Grande, e 1, não professo, que estava a expirar no hospital. Porém aquelles, apenas chegassem, seriam reclusos como os demais, e remettidos em outra nau. Vieram 2, com effeito, para Lisboa d'ahi a pouco tempo, mas no primeiro de julho ainda faltavam os outros 2, — um dos quaes andava a monte no Rio de Janeiro e o outro estava preso na fortaleza da ilha das Cobras.

O commandante da nau recebeu 4:320$000 réis, dinheiro dos sequestros, para sustento dos presos, tendo sido fixado em 300 réis por cabeça o alimento de cada dia, conforme o disposto na carta regia de 21 de julho, e feito o calculo do numero dos padres transportados para o tempo de quatro mezes.

O conde de Bobadella enviou na mesma occasião ao juizo da Inconfidencia os inventarios do collegio do Rio de Janeiro e das fazendas que lhe pertenciam, bem como as da capitania do Espirito Santo, e promettia mandar brevemente os dos Campos dos Goytacazes, de Paranaguá, de Santos e de S. Paulo, que estavam por concluir. Participava tambem que os padres da Companhia, contando com a sua expulsão, tinham cuidado só em desfructar as fazendas que possuiam, sem attenderem á conservação d'ellas, «pelo que todas se acham deterioradas e ainda os mesmos cannaviaes dos engenhos perdidos [1].»

Alguns jesuitas, não professos, acceitaram demissorias e ficaram no Brazil. Os mais vieram todos para Lisboa a 16 de março, em numero de 199.

«Recebi a bordo d'esta nau cento e noventa e nove padres da Companhia denominada de Jesus, por ordem do ill.mo e ex.mo sr. conde de Bobadella, general d'estas capitanias, para os transportar ao porto da cidade de Lisboa, como sua magestade manda, a bordo da nau *Nossa Senhora do Livramento e S. José*, fundeada no porto do Rio de Janeiro aos 14 de março de 1760. — *Gaspar Pereira da Camara Maciel* [2].»

Os jesuitas da Bahia embarcaram para Portugal em a nau *Nossa Senhora da Ajuda*, e os de Pernambuco, confiados á guarda de José Rollem Van Dreck, vieram na propria fragata armada por elles, o que foi sem duvida um gostinho particular do conde de Oeiras [3].

A bordo da *Ajuda* voltou á patria o conde dos Arcos, mas entre os jesuitas e elle mais a officialidade da nau houve separação absoluta, por expressa determinação do governo [4].

Havia já nove mezes que se tratava activamente da expulsão total dos jesuitas do Brazil, quando nos fins de abril de 1760 se fez á véla, para ir buscar os do Grão Pará, a fragata *Nossa Senhora da Arrabida*.

A provisão regia de 10 d'aquelle mez e anno, que deu ao capitão de mar e guerra José Sanches de Brito o commando da fragata, encommendava-lhe que fizesse constar, emquanto não sahisse a barra, que ia comboiar até a altura das Canarias a galera da Companhia Geral do Grão Pará — que estava para sahir tambem n'aquella occasião em conserva da fragata — voltando logo a servir de guarda-costa nos mares de Portugal. Seguiria, porém, a sua derrota até dar fundo na bahia de S. Marcos, junto ao porto de S. Luiz do Maranhão.

Alberto Telles.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

VI

— Anda cá filho, disse a D. Ephigenia ao Dominguinhos quando elle chegou ao pé d'ella, quero-te apresentar a esta menina, á Ignacinha, que tu conheces muito bem, com quem brincaste muito em pequeno, lembras-te?

— Minha senhora! disse em voz cava o Domingos desfranzindo a face esquerda para deixar cahir o monoculo, estendendo os braços para deante, dobrando-se todo como os rapazes quando jogam o eixo.

E pegando na mão que com um ar trocista, e custando-lhe muito a suster o riso a Ignacinha lhe estendia, o Dominguinhos, pegando n'ella delicadamente, com dois dedos, levou-a aos labios e imprimiu-lhe galantemente um respeitoso osculo, demorado e ao mesmo tempo soturno, um osculo de cerimonial lithurgico.

[1] Officio de 8 de dezembro de 1759 na cit. *Hist. dos Jes.* t. II, pag. 464.

[1] Officio de 13 de março de 1760 na cit. *Hist. dos jes.* t. II, pag. 478.

[2] Idem, idem, pag. 480.

[3] «Entregando o governo d'ella *(fragata dos padres)* ao referido José Rollem Van Dreck... E ordenando ao dito capitão de mar e guerra que vá logo demandar a barra de Pernambuco: e fazendo entregar a Luiz Diogo da Silva a via que lhe vai dirigida *(para o embarque e transporte dos jesuitas na mesma fragata)*.» — Carta regia de 4 de novembro de 1759 a Antonio de Brito Freire.

[4] «Devendo o conde dos Arcos, D. Marcos de Noronha, voltar na mesma nau em que vierem os ditos regulares; e, sendo-vos manifesto o discommodo que elle terá em vir na companhia de tão perniciosos homens, é desnecessario prevenir-vos a separação que deveis fazer a favor do referido conde para não ser obrigado a concorrer com tão desagradavel companhia; como tambem que nenhum dos ditos regulares é justo que haja de apparecer na vossa mesa, por mais graduado que seja, e porque todos são pertencentes a um corpo infecto e proscripto pelos enormes e abominaveis delictos que os fizeram a todos co-reus, etc.» — Cit. carta regia.

A Ignacinha apezar do seu espevitamento habitual embatucou deante d'aquella gravidade diplomatica a que não estava costumada, e não achou nada para dizer ao Dominguinhos.

Valeu-lhe a D. Ephigenia que repetiu ao filho a sua pergunta:

—Não te lembras d'ella?

—Recordo-me perfeitamente apesar dos annos que são passados sobre esses brinquedos infantis, disse o Dominguinhos indireitando-se.

—O que? ainda se lembra de mim? perguntou a Ignacinha radiante.

—V. Ex.ª não é d'aquellas que se olvidam, disse elle amavelmente, com seus resaibos de lugares selectos.

—Pois então senta-te aqui e conversem, disse a D. Ephigenia levantando-se, conversem dos seus tempos, das suas rapaziadas.

—O que? Vae-se embora d'aqui. Foge de ao pé de mim? disse a Ignacinha, aparentando-se muito pesarosa.

—Vou para o pé da sua mamã, ainda mal lhe fallei hoje, explicou a D. Ephigenia apontando para um lugar que acabava de vagar no sophá, ao lado da sr.ª Leitão.

E afastou-se apertando muito a mão á Ignacinha, significativamente, com um olhar que queria dizer, que não se esquecesse do que ella lhe tinha dito, de pedir o sermão de cinza e o incendio.

VII

Sentados um ao lado do outro, a Ignacinha e o Dominguinhos estiveram um bom bocado silenciosos, ella atrapalhada, dissimulando o seu embaraço ageitando a sua toilette, elle *poseur*, cheio de si, tomando ares, puchando os punhos, gosando do embaraço visivel d'aquella a quem fôra apresentado, tomando-o como uma homenagem prestada á sua superioridade.

É por fim como não haviam de ficar assim toda a noite, calados ao pé um do outro, como dois convidados de louça, a Ignacinha rompeu o silencio:

—Ora ha que tempos que nós nos não viamos!

—Já alguns annos vão passados, disse elle sentenciosamente. O tempo passa depressa.

—É verdade, d'antes era um pequenito ainda e hoje está já um homem.

—E vossa excellencia igualmente.

—Lembra-se ainda do Campo Grande?

—Perfeitamente. É um dos sitios mais pittorescos dos suburbios da capital.

—Lembra-se dos nossos brinquedos, da cabra cega, com a Micas, a filha do mestre de latim e o Juca, o pequeno da brazileira que morava ao pé da igreja, por cima da botica.

—Lembro, lembro... O Juca anda no lyceu, mas anda muito atrazado, elle estuda mas é pouco intelligente, a natureza foi avara com elle em recursos intellectuaes.

—E do pinheiro, lembra-se tambem?

—Pinheiro? Pinheiro não me lembra de nenhum: anda um comigo em mathematica, mas...

—Não, não é isso, tornou rindo do equivoco a Ignacinha não é Pinheiro gente é Pinheiro arvore...

—Ah! eu pensava...

—Aquelle pinheiro muito grande que ha no jardim; que tinha um mirante para onde nós iamos á tarde jogar o padre cura.

—Ah! recordo-me agora, uma arvore frondosa e copada.

E o dialogo continuou arrastando-se com este interesse todo, em perguntas breves e respostas rapidas, tal qual um cathecismo de doutrina christã.

A Ignacinha estava já muito seccada com a sensaboria da conversação e com o tom grave com que o Dominguinhos respondia a todas as suas reminiscencias joviaes de infancia, mas de repente reparou nos olhares furiosos que lá de longe lhe deitava a Alice, a arder sobre brazas de a ver a conversar ha tanto tempo com o filho do Pereira, o qual, todo entretido com a conversa, nem sequer para ella olhava.

E a furia que leu nos olhos da Alice deu uma alma nova a Ignacinha, fez-lhe achar um grande encanto na conversação do Dominguinhos, e comprehendendo que a amiga estava a dar sorte, redobrou de attenções para com o seu interlucutor, começou a fallar muito mais do que até ali, a fazer muitos gestos, a dar grandes risadas suffocadas, apparentando estar muito entretida com a conversação, achar muita graça ao Dominguinhos, dizerem coisas muito interessantes e muito intimas.

E assim espevitado por este novo impulso o dialogo lá se animou, e á força de fingir para fóra que estava muito divertida, a Ignacinha começou a divertir-se realmente.

Entretanto as outras meninas, capitaneadas pela Alice, puzeram-se em campo para organisar uma contradança.

A Alice que promovera a conspiração da dança para ver se assim desmanchava o colloquio do seu namorado com a tola da Ignacinha, colloquio que a fazia já azoar muito, levantou-se, atravessou a sala, e chegando-se á menina Leitão, dando-lhe muitos beijos, visto não lhe poder dar dentadas, e deitando ao mesmo tempo uns olhares furiosos, cheios de recriminações, ao Dominguinhos, disse á Ignacinha ao que vinha, que era para se arranjar uma contradança, para se fazer alguma coisa, para animar aquillo.

A Ignacinha approvou logo a idéa.

—Que sim, que era boa lembrança, que fossem a isso.

E levantou-se, para, como filha da dona da casa, pôr em practica a idéa da Alice e das outras suas amigas.

Foi isso o que Alice quiz. Sentou-se logo no lugar d'ella e começou a fazer uma scena d'arrufos ao Dominguinhos:

—Tem estado hoje muito divertido, sim senhor: para quem não queria cá vir, tem-se portado muito bem: não tem perdido o seu tempo.

O Dominguinhos todo radioso pelo despeito zeloso que transparecia das palavras ironicas da Alice, tomou a serio a sua posição de homem disputado, querido das senhoras, e respondeu com um ar fatuo e impertinente que mais escandalisou ainda a sua namorada:

—Não tenho passado mal: realmente essa menina conversa muito bem, é muito amavel, e não é desprovida de recursos intellectuaes.

—Ah! acha?

—Acho, porque não!

—Acha a Ignacinha intelligente? Já vejo que tem muito boa boca...

E forçando muito uma gargalhada trocista, continuou em voz baixa.

—A Ignacinha intelligente? É a primeira pessoa a quem ouço tal. Ah! Ah! Ah! Já vejo que lhe deu no goto .. Os meus parabens! Ah! Ah! Ah! A Ignacinha intelligente!

—Disse-o e confirmo-o! Não é preciso muito tempo para conhecer se uma pessoa é intelligente ou estupida. E essa senhora não é nada estupida, respondeu o Dominguinhos, tomando a peito a defeza da Ignacinha.

—Estupida? Nada, inteiramente nada! Quem se atreverá a dizer uma d'essas? tornou a Alice, rindo muito.

—Talvez que quem a ache estupida o seja muito mais que ella, replicou o Dominguinhos malcreadamente.

—Isso é comigo! perguntou a menina Alice, com ares insolentes de pimpona de collegio.

—É com quem diz que essa senhora é estupida, explicou elle seccamente, pondo o monoculo, olhando para a Ignacinha, que se aproximava, e sentindo-se deveras grande no papel que tomára.

A Alice amuou, deixou cahir a viseira e não lhe deu mais resposta.

A Ignacinha vinha annunciar que estava tudo prompto, que a sr.ª D. Ephigenia, a mãe do Dominguinhos, se prestára a tocar a contradança, e que então era tratar de tirar pares.

—Sr. Pereira, disse ella para o Dominginhos, ande, tenha a bondade de tirar par se ainda o não tem.

E n'estas palavras e n'um olhar rapido que relanceou a Alice, ia evidentemente uma alusão.

—Espero tel-o, disse o Dominguinhos, fazendo uma pequena pausa.

O rosto da menina Alice desfranziu-se, imaginando que se tratava d'ella.

—Espero tel-o, se V. Ex.ª não me recusar a distincção de dançar comigo, concluio o Dominguinhos, pondo-se em pé e tornando a dobrar-se ao meio em frente da Ignacinha.

A Alice mordeu os beiços com furor, e poz-se logo em pé, como se lhe tivessem tocado n'uma mola: voltou costas e foi tratar da sua vingança.

Entretanto a Ignacinha radiante com o seu triumpho metteu o braço no braço esquerdo que o Dominguinhos lhe offerecia, e muito mais alta do que elle, como quem se apoia a uma bengala, caminhou para o meio da casa, a dar o exemplo.

Ao mesmo tempo a D. Ephigenia sentava-se ao piano e preludiava nas teclas que tinham o som abandalhado de guitarra reles, a primeira marca das contradanças francezas.

—Então, olhem que se está a perder a musica, gritou a dona da casa, a sr.ª Leitão.

—Falta um par, disse a Ignacinha, contando os pares que no meio da sala tomavam as suas posições.

—Falta a Alice, disseram algumas meninas.

—Cá estou eu, noticiou a Alice entrando na sala, dando o braço a um novo personagem.

(Continúa). *Gervasio Lobato.*

RESENHA NOTICIOSA

Viagem real. Suas magestades e alteza el-rei D. Luiz, rainha D. Maria Pia e infante D. Affonso, tem seguido a sua viagem sem novidade. El-rei chegou a Barcelona no dia 15 sendo alli recebido pelo consul portuguez, primeiras auctoridades civis e militares da cidade. Sua Magestade visitou a exposição. D. Luiz vae a Sigmarigen visitar sua extremosa irmã a infanta D. Antonia. No dia 9 tinha chegado a Francfort. D. Maria Pia e D. Affonso chegaram a Paris no dia 1, sendo esperados na *gare* de Orleans pela sr. condessa de Valbom e filha e pelos membros mais considerados da colonia portugueza em Paris, entre os quaes se encontravam as sr.as viscondessas de Perneo, de Faria, e de Nogueiras, condessa dos Olivaes, D. Cecilia Wanzeller, D. Emilia Cruz, Bensaude, Amonstrong, Saragge, Paccini e os srs. visconde de Faria, condes do Covo e de Villa Real, Wanzeller, Damaso de Moraes, Domingos d'Oliveira, Sousa Brito, o ministro italiano, etc. Os reaes viajantes foram hospedar-se no hotel Bristol que é um dos mais aristocraticos de Paris, frequentado por quasi todos os monarchas que vão a Paris. *O Figaro* publicou um artigo a respeito de D. Maria Pia em que faz o elogio da illustre princeza.

Imperadores do Brazil. Estiveram no dia 8 do corrente no Tejo, a bordo do paquete *Congo* em viagem de Marselha para o Brazil, suas magestades o imperador e imperatriz do Brazil. Os imperiaes viajantes foram comprimentados pelo principe regente, ministerio, legação brazileira e muitas outras pessoas da colonia brazileira, etc. O estado de saude de D. Pedro II é muito satisfatorio. Conversou animadamente com as pessoas que o foram comprimentar, mostrando-se muito satisfeito. *O Congo* demorou-se poucas horas no Tejo e seguio viagem.

Um passeio no Tejo. Realisou-se no dia 5 do corrente uma digressão no Tejo, promovida pelo Real Gymnasio Club e para a qual recebemos convite que muito agradecemos. O passeio foi no vapor *Conductor* que largou da amarração cerca das 11 horas, depois de ter recebido os socios do Club e as pessoas convidadas, em que se contavam muitas senhoras. O *Conductor* seguiu rio acima pelo lado norte, até Villa Franca, voltando depois pelo sul, sahiu a barra e fundeou em Cascaes, onde desembarcaram a maior parte das pessoas e a charanga de lanceiros, que ia a bordo e que durante o passeio tocou alegremente algumas peças de musica. Os socios com a musica á frente foram comprimentar o sr. Julio d'Almeida, administrador de Cascaes e socio do Real Gymnasio Club. D'alli a uma hora o *Conductor* regressou a Lisboa onde chegou cerca das 8 horas. Foi um dia alegremente passado para os que tomaram parte n'esta festa fluvial, onde não faltou a famosa caldeirada, além d'um magnifico serviço de buffete. É pena que estas festas se não repitam com mais frequencia no formoso Tejo que tanto se presta a divertimentos agradabilissimos na estação calmosa.

Fabrica de faianças das Caldas. No dia 2 do corrente houve grande festa na fabrica de faianças das Caldas, dirigida por Bordallo Pinheiro; a causa d'esta festa foi a inauguração das officinas para o fabrico da louça commum para uso, complemento d'esta auspiciosa empreza, que já tem apresentado ao publico os magnificos productos, louça artistica que todos temos admirado. Foi pouco depois das duas horas que se abriram ao publico as portas das officinas, e este poude ver em movimento os differentes machinismos, dos mais modernos, applicados ao fabrico da louça. Cento e quarenta operarios trabalhavam nas suas especialidades, uns moldando, outros pintando, amassando o barro, vidrando, etc., constituindo um quadro animado e alegre, onde não faltavam os sylvos da machina de vapor, que punha em movimento as machinas productoras. A machina motor é da força de cinco cavallos, e dos constructores belgas Denaewer & C.ª, dirigida pelo mestre inglez Stringer. As novas louças apresentam pinturas muito originaes, vendo-se alguns

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA COM UMA SECÇÃO AGRICOLA

PAVILHAO DO MINISTERIO DA MARINHA (Desenho de J. R. Christino)

pratos com dezenhos de typos portuguezes, paizagens, torre de Belem, flores, monogrammas, etc. Estavam presentes á inauguração o sr. Raphael Bordallo Pinheiro, director artistico, sr. Feliciano Bordallo Pinheiro, gerente da fabrica, e os srs. Vianna e Santos, directores que fizeram as honras da casa aos convidados. Percorridas as differentes officinas da fabrica, onde se encontra tambem uma sala de exposição dos productos, e a aula de chymica para instrucção dos operarios, foi servido em uma das differentes officinas, armada em festa, um *lunch* aos convidados, que correu muito animado, fazendo-se varios brindes a Bordallo Pinheiro, Raphael e Feliciano, á prosperidade da fabrica e ao sr. Navarro, ministro das obras publicas, que a tem protegido. Foi tambem servida uma refeição a todos os operarios e aprendizes da fabrica. Um dia de verdadeira festa. Agradecemos o convite que a direcção teve a amabilidade de nos dirigir.

Balão Jardim. O sr. Cypriano Jardim partiu para Paris, onde vae adquirir, por ordem do governo portuguez, um balão conforme o seu plano, de que o Occidente já se occupou em um dos seus numeros passados. O fabricante Lachambre será o encarregado de fazer o novo aerostato que deverá ter a capacidade de 1500 metros cubicos de gaz. Breve, pois, teremos occasião de ver uma experiencia mais pratica do *Balão Jardim*.

Commentario ao novo codigo commercial portuguez. O sr. dr. J. F. de Azevedo e Silva, distincto advogado em Lisboa, vae publicar um commentario ao *Novo Codigo Commercial*, do sr. dr. Beirão, digno ministro da justiça. Esta obra indispensavel, constará de dois grossos volumes, que para facilitar a sua acquisição, serão publicados aos fasciculos. As requisições de assignaturas devem ser dirigidas para a rua do Crucifixo 76, Lisboa, acompanhadas da respectiva importancia na razão de 500 réis cada fasciculo.

Desenho a fogo. É muito interessante a operação que vamos referir, como passatempo divertido e que facilmente se póde realisar em uma sala perante as visitas. Prepara-se uma forte solução de nitrato de potassa (salitre) em agua, e com uma penna de pato ou um palito molhado n'esta solução, desenha-se ou escreve-se n'um papel branco o que se quer, tendo o cuidado de fazer um pequeno signal, um furo de alfinete por exemplo, no sitio onde se principiou o desenho ou a escripta. Quando o papel esteja secco, póde-se realisar o phenomeno do seguinte modo: acende-se um palito phosphorico, e depois de se apagar a chama e ficar em braza, percorre-se com este palito por sobre o desenho que se tinha feito no papel, principiando no mesmo ponto onde o desenho foi começado. Então ver-se-ha apparecer o desenho ou a escripta em linhas de fogo á maneira que, com o palito, se fôr percorrendo o papel.

Soares dos Reis. O eximio esculptor sr. Soares dos Reis, professor da Academia Portuense de Bellas Artes, pediu a demissão d'este logar, em consequencia do corpo academico não ter concordado com o novo regulamento de ensino, proposto por elle. O governo, porém, não acceitou a demissão do sr. Soares dos Reis.

As operas de Sá de Noronha. O Conservatorio Real de Lisboa foi bizarramente presentiado pelo sr. Joaquim de Almeida com as musicas do fallecido maestro portuguez Sá de Noronha, que aquelle cavalheiro comprou no Brazil, no espolio do insigne artista. As partituras são: *Tagir, Arco de Sant'Anna, Beatriz de Portugal, Princeza dos Cajueiros, Se eu fosse rei, Os noivos, Os guardas do rei de Sião, Os mosqueteiros da rainha, O annel de prata, As virgens, Os bohemios, O Kalifa da rua do Sabão*, e mais treze peças orchestradas para violino e dez phantasias para orchestra.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Lyra dos Tropicos. Por João de Brito, Lisboa, Typ. de Adolpho Modesto & C.ª 1888. Um livro dupla primorosamente, primoroso na sua confecção typographica, e nos deliciosos versos de João de Brito, um poeta bahiano a que nos temos referido por mais vezes, quando fomos brindados com os seus livros *Forasteiros* e *Vozes no ar*. *A Lyra dos Tropicos*, que acabamos de receber, é uma preciosa collecção de quadros tropicaes, em que ora vêmos as florestas uberrimas, ora os rios e cascatas caudalosos, as feras arrogantes, toda a grandeza, emfim, d'aquelle mundo novo, que João de Brito descreve com todo o sentimento poetico da sua lyra inspirada; mas quando o poeta dedica os seus versos á humilde condição do escravo, quando brada pela liberdade d'essa porção do genero humano captiva, toca as cordas mais sentidas da sua lyra, a inspiração é mais espontanea, o poéta affirma o seu grande talento e o seu generoso coração. *A Lyra dos Tropicos* é mais um livro de bons versos de João de Brito, pelo que o felicitamos.

Revista dos Constructores, *publicação mensal* dirigida e redigida pelo engenheiro Ernesto da Cunha de Araujo Vianna, Rio de Janeiro. n.º 4 do segundo anno, junho de 1888. Magnifica publicação cujo fim principal é tratar de construcção ou engenheria, com secções muito desenvolvidas e illustrado de gravuras artisticas e demonstrativas.

Breve Noticia da Typographia da Academia Real das Sciencias de Lisboa, *em julho de 1888*. Descripção resumida d'este estabelecimento, fundado em 1780. O numero de officinas relação do material, pessoal empregado, etc. É pena que n'esta noticia não se mencionem as obras que se tem impresso n'esta typographia, que são em grande numero e em geral muito importantes.

Os Quinhentos Milhões da Begun, por Julio Verne, traducção de A. M. da Cunha e Sá, David Corazzi, editor, Lisboa. Na grande collecção dos livros de Julio Verne é este um dos mais interessantes. Faz parte da edição economica que a casa editora Corazzi está publicando.

Revista Popular, *de conhecimentos uteis, periodico semanal illustrado.* Typographia Mattos Moreira, Lisboa. Vae já no 10.º numero esta boa revista, cuja necessidade se fazia sentir, como um dos meios mais faceis de vulgarisar os conhecimentos scientificos ao alcance de todos.

Gazeta dos Caminhos de Ferro de Portugal e Hespanha, director L. de Mendonça e Costa. Lisboa. Continúa a sua publicação regular esta magnifica gazeta, unica publicação n'esta especialidade que se faz no paiz.

Typ. Castro Irmão — Rua do Marechal Saldanha 31 — Lisboa